Influência Da Equoterapia Na Vida Dos Estudantes Do IFSULDEMINAS – Campus Machado

Daiane Moreira Silva[1], Gleysson Roberto da Silva[2], Flávia Duarte Ribeiro[3], Maria Aparecida Rodrigues Gangussu[4] e Afrânio Moraes de Oliveira[5]

[1,2,3,4,5]Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus MachadoMachado – MG.[1]daiane@mch.ifsuldeminas.edu.br, [2]gleysson.ifbio@hotmail.com, [3]flaviaribeiro@mch.ifsuldeminas.edu.br, [4]cida@mch.ifsuldeminas.edu.br, [5]afranio@mch.ifsuldeminas.edu.br

Introdução

A equoterapia é um método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com necessidades especiais. Essa atividade exige participação do corpo inteiro, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da força muscular, relaxamento, conscientização do próprio corpo e aperfeiçoamento da coordenação motora e do equilíbrio. A interação com o cavalo, incluindo os primeiros contatos, os cuidados preliminares, o ato de montar e o manuseio final desenvolvem, ainda, novas formas de socialização, autoconfiança e autoestima (ANDE – BRASIL, 2012).

Embora o uso do cavalo como terapia date de 400 anos antes de Cristo, no Brasil, somente em 1989 foi criada a Associação Nacional de Equoterapia, em 1997 a atividade foi reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina, em 2008 pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e atualmente também é reconhecida pela Secretaria de Educação do Distrito Federal.

A equoterapia claramente tem obtido diversos resultados positivos em relação à reabilitação física de praticantes. Segundo Beinotti et al. (2010), a equoterapia associada com terapia física convencional, é um boa forma de recuperação da marcha de hemiparéticos após acidente vascular cerebral.

Segundo Barreto et al. (2007), a equoterapia além de trazer benefícios físicos, gera benefícios psíquicos e sociais provendo atenção e memória, mudança no perfil de personalidade e socialização nos portadores de Síndrome de Down. A equoterapia também beneficia a qualidade de vida de idosos (TOIGO et al., 2008).

No âmbito educacional, sabe-se que a equoterapia beneficia pessoas com necessidades educacionais especiais e que ela é imprescindível para a inclusão social (BARRETO et al., 2007).

Nenhum trabalho foi encontrado na literatura ressaltando a influência da equoterapia na vida dos terapeutas que auxiliam os praticantes durante as sessões, bem como evidenciando a mudança dos valores afetivos e a formação do caráter dessas pessoas através das experiências adquiridas com a equoterapia.

O objetivo deste estudo foi avaliar a influência do auxílio nas sessões de equoterapia na vida dos estudantes do IFSULDEMINAS – Campus Machado.

Material e Métodos

A pesquisa foi realizada entre janeiro e junho de 2012 no IFSULDEMINAS – Campus Machado. Sete estudantes (Técnico em Agropecuária e Engenharia Agronômica) que começaram a participar da APEC/Projeto em Equinocultura, a qual é uma disciplina que trata de atividade prática, pesquisa, extensão e cultura na área de equinocultura, responderam um questionário elaborado com 13 questões. Este grupo foi denominado como grupo equoterapia.

Posteriormente, os estudantes receberam um treinamento básico em equoterapia (teórico e prático) ministrado por servidores habilitados do Campus Machado com duração de nove horas. Esse treinamento capacitou os estudantes a se tornarem auxiliares-guia (conduzem o cavalo durante a sessão) e auxiliares-lateral (mantêm o praticante na posição correta em cima do cavalo) durante as sessões de equoterapia. Os estudantes então participaram ativamente das sessões durante um mês no Centro de Equoterapia do IFSULDEMINAS – Campus Machado, o qual atende praticantes com diversos tipos de patologias. Logo após, os estudantes responderam novamente o questionário.

Um grupo controle constituído por 11 estudantes do curso Técnico em Agropecuária Subsequente ao Ensino Médio foi escolhido aleatoriamente e também respondeu o mesmo questionário no início da pesquisa e um mês após, no entanto, não recebeu o treinamento e não participou das sessões de equoterapia.

Os dados de ambos os grupos de estudantes foram arquivados em planilhas e analisados de forma comparativa e descritiva com auxílio de profissionais competentes.

Resultados e Discussão

Com relação à primeira questão, identificação do questionário, a idade do grupo controle era de 19 a 23 anos e todos os participantes cursavam Técnico em Agropecuária, já no outro grupo, a idade variou entre 15 e 26 anos, sendo alunos dos cursos Técnicos em Agropecuária e Engenharia Agronômica.

As respostas para as questões 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11 e 12 estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Respostas "sim" para questões do questionário.

Questão	**Grupo Controle**		**Grupo Equoterapia**	
	Primeira resposta	*Segunda resposta*	*Primeira resposta*	*Segunda resposta*
2	0%	0%	0%	0%
3	45%	73%	71%	86%
4	25%	45%	0%	14%
5	18%	9%	0%	14%
6	27%	36%	57%	71%
7	91%	45%	71%	86%
8	64%	64%	100%	86%
10	45%	27%	14%	86%
11	0%	9%	0%	29%
12	55%	27%	57%	86%

No segundo questionamento "Você já participou de algum projeto social?", todos os participantes de ambos os grupos demonstraram que não nas duas vezes que responderam o questionário.

Na terceira questão "Você sabe o que é deficiência?", pode-se observar que não foi necessária a participação dos estudantes no Programa de Equoterapia para que melhorassem a concepção de deficiência ao longo do tempo da pesquisa. Segundo Amiralian et al. (2000), deficiência é a perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente.

No quarto questionamento "Você convive (ou) com alguma pessoa com necessidades especiais?", observou-se que com o passar do tempo, os dois grupos tiveram um maior número de respostas "sim". O princípio fundamental da sociedade inclusiva é que todas as pessoas com deficiência devem ter suas necessidades especiais atendidas, pois é no atendimento das diversidades que se encontra a democracia (MACIEL, 2000).

Na pergunta 5 "Aqui no Campus Machado, você conhece alguma pessoa com necessidades especiais?", pode-se averiguar que quando os estudantes participam do Programa de Equoterapia, existe uma tendência em detectar diferentes necessidades especiais, enquanto que no grupo controle ainda existem dúvidas sobre o que são as necessidades especiais e quem são os portadores.

Na questão número 6 “Você sabe o que significa inclusão escolar?”, pode-se observar que não foi necessária a participação dos estudantes no Programa de Equoterapia para que melhorassem a concepção sobre inclusão escolar. De acordo com Mendes (2006), cada comunidade deve buscar a melhor forma de definir e fazer a sua própria política de inclusão escolar, respeitando as bases históricas, legais, filosóficas, políticas e também econômicas do contexto no qual ela irá efetivar-se.

Na sétima pergunta “Você sabe como lidar com uma pessoa com necessidades especiais?”, detectou-se que os participantes do Programa de Equoterapia aumentaram visualmente o aprendizado sobre como lidar com pessoas com necessidades especiais, enquanto é notável a dúvida do grupo controle.

Na questão número 8 “Você acha que o Campus Machado está preparado para receber pessoas com necessidades especiais (estrutura física e pessoal)?”, a quantidade de respostas sim foi a mesma para o grupo controle em ambas as vezes que responderam a questão, no entanto para o grupo equoterapia a quantidade de respostas sim diminuiu. Isso pode estar relacionado ao aumento da aprendizagem sobre as necessidades especiais, demonstrando que a partir do momento em que eles conheceram na prática como é complexo lidar com uma deficiência física, por exemplo, eles averiguaram que a estrutura física e pessoal do Campus Machado deve receber melhorias e adequações.

Na nona questão “O que você acha de estudar ou trabalhar com uma pessoa com necessidades especiais?”, os participantes do grupo controle usaram respostas superficiais como, por exemplo, bom, normal, interessante, satisfatório, processo de aprendizagem, tanto na primeira quanto da segunda vez que responderam o questionário. O grupo equoterapia respondeu de forma semelhante na primeira vez, mas após participar do Programa de Equoterapia, passaram a usar respostas como: é uma honra conviver com pessoas com necessidades especiais, é muito bom se sentir útil ajudando o próximo, as pessoas com necessidades especiais têm muito a ensinar.

Na questão 10 “Você sabe o que significa equoterapia?”, pode-se observar na Tabela 1 que é evidente o quanto o aprendizado do grupo equoterapia melhorou comparando o final da pesquisa com o início, eles conseguiram compreender o que é e qual é a importância da equoterapia. O mesmo não ocorreu para o grupo controle.

Na pergunta número 11 “Você sabe quais profissionais podem atuar na equoterapia?”, nota-se que com o passar do tempo, o grupo equoterapia compreendeu melhor quais os profissionais atuam nessa terapia, ressaltando a importância do equitador na constituição da equipe básica. De acordo com a ANDE – BRASIL (2012), para constituir uma equipe básica

de equoterapia é fundamental, no mínimo, um fisioterapeuta, um psicólogo e um equitador, sendo que esse pode ser zootecnista, agrônomo, veterinário, técnico em agropecuária ou qualquer profissional conhecedor de cavalos.

Na questão 12 “Você sabe quais benefícios a equoterapia pode trazer para o praticante?”, é evidente o quanto o aprendizado do grupo equoterapia melhorou comparando o final da pesquisa com o início, eles conseguiram compreender os benefícios que a equoterapia traz para o praticante e o mesmo não ocorreu para o grupo controle.

Na última questão “Qual é a sua expectativa em auxiliar nas sessões de equoterapia?”, os participantes do grupo controle usaram respostas superficiais como, por exemplo, boa, será uma novidade, processo de aprendizagem, vontade de ajudar, tanto na primeira quanto na segunda vez que responderam o questionário. O grupo equoterapia respondeu de forma semelhante na primeira vez, mas após participar do Programa de Equoterapia, passou a usar respostas como: é muito gratificante auxiliar nas sessões de equoterapia, observando sempre resultados satisfatórios, além disso, há melhoria do aprendizado, pois cada sorriso e cada conquista dos praticantes faz a vida tornar-se mais valiosa.

Conclusões

Conclui-se que a equoterapia, além de trazer resultados positivos para a reabilitação física, mental e educacional dos praticantes, melhora os valores humanos de estudantes que participam das sessões como auxiliares-guia e auxiliares-lateral. Desta forma, a equoterapia é um importante empreendimento social que pode ser utilizado em instituições de ensino agropecuário como programa de extensão e ao mesmo tempo, como ferramenta para auxiliar na formação do caráter e da personalidade de jovens e adolescentes, diminuindo assim, as formas de preconceito e aumentando a cada dia as possibilidades de inclusão social.

Referências Bibliográficas

AMIRALIAN, M.L.T.; PINTO, E.B.; GHIRARDI, M.I.G.; LICHTIG, I.; MASINI, E.F.S, PASQUALIN, L. Conceituando deficiência. Revista de Saúde Pública, v. 34, n. 1, p. 97-103, 2000.

Associação Nacional de Equoterapia (ANDE – BRASIL). Disponível em: http://www.equoterapia.org.br/site/equoterapia.php em 27 de junho de 2012.

BARRETO, F.; GOMES, G.; SILVA, I.A.S.; GOMES, A.L.M. Proposta de um programa multidisciplinar para portador de Síndrome de Down, através de atividades da equoterapia, a partir dos princípios da motricidade humana. Fitness & Performance Journal, v. 6, n. 2, p. 82-88, 2007.

BEINOTTI, F.; CORREIA, N.; CHISTOFOLETTI, G.; BORGES, G. Use of hippotherapy in gait training for hemiparetic post-stroke. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, v. 68, n. 6, p. 908-913, 2010.

MACIEL, M.R.C. Portadores de deficiência, a questão da inclusão social. São Paulo em Perspectiva, v. 14, n. 2, 2000.

MENDES, E.G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 33, p. 387-459, 2006.

TOIGO, T.; LEAL JÚNIOR, E.C.P.; ÁVILA, S.N. O uso da equoterapia como recurso terapêutico para melhora do equilíbrio estático em indivíduos da terceira idade. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 11, n. 3, p. 391-403, 2008.